

Literatura fora do armário: genealogia de práticas literárias gays na ditadura militar brasileira

Rubens Arley de Almeida Junior

RESUMO

Este trabalho busca compreender a emergência da literatura gay no Brasil a partir do contexto de transformação cultural e política da década de 1970 na cidade de São Paulo. Metodologicamente, orienta-se pela genealogia foucaultiana, articulando os saberes subalternizados produzidos pelas práticas literárias do chamado gueto gay paulistano, para acessar representações, imaginários e identidades gestadas nesse momento. A hipótese defendida é de que a emergência da literatura gay representou um acontecimento (Foucault, 2005), ou seja uma inversão nas forças é parte dessas novas práticas culturais, deslocando-as do paradigma da discrição para um espírito de *estar fora do armário*, e enfrentando, assim, a política do sexo da ditadura civil militar.

Palavras-chave: homossexualidade; identidades sexuais; cultura e política.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do desenvolvimento inicial de uma proposta de pesquisa que objetiva compreender o contexto de emergência da chamada literatura gay no Brasil. Busca-se, pois, apenas desenhar uma hipótese em construção. Nesse primeiro momento, comprehende-se que a emergência de um determinado conjunto textual que se autointitulou de *literatura gay* ou *literatura guei*, ou ainda *literatura entendida* está engendrada em um momento histórico – especialmente o final da década de 1970 – no qual também emergiu um novo paradigma das homossexualidades, que pode ter rearticulado a configuração dessas identidades: o paradigma de estar fora do armário.

A própria concepção de *literatura gay* está em disputa e não é consenso na área, sobretudo dos Estudos Literários, os quais vêm se debruçando sobre a temática. Barcellos (2006) defende que é possível pensar uma existência transhistórica de uma literatura homoerótica, de maneira que textos anteriores à invenção moderna da homossexualidade poderiam também ser cotejados. Nesse caso, a literatura gay seria apenas mais uma configuração específica de textualidade homoerótica, de maneira que teria nascido próxima dos movimentos de liberação sexual, sendo então fruto de um contexto específico da segunda metade do século XX.

Compreendendo que a literatura gay está articulada a uma outra configuração de homossexualidades. Cabe tentar delinear brevemente uma cartografia das identidades¹

¹ Mobiliza-se a noção de *identidade* em suspensão. A *identidade* tem sido entendida pelos estudos pós-estruturalistas e queer como uma ficção que busca criar e naturalizar uma coerência fixa e estável entre sexo-gênero-desejo (Butler, 2018) a partir da matriz ou das tecnologias heterossexuais (Preciado, 2014). Desse modo, busca-se empregar *identidade* enquanto um processo aberto, transformativo e instável que se apropria das

homossexuais anteriores a ela, a fim de imaginar como essa literatura se relacionou com a multiplicidade agonística de identidades. Segundo José Fábio Barbosa da Silva (2005), ao final da década de 1950, uma série de conflitos e tensões habitava o chamado gueto gay paulistano (Perlongher, 2005; MacRae, 2005), os quais foram agrupados pelo pesquisador em dois grupos dicotômicos: os *ostensivos* – geralmente pobres, afeminados ou ainda michês; e os *dissimulados* – classe média, com maior acesso à educação, cultura e arte, performando uma atitude discreta em relação à homossexualidade. Embora tenha mapeado uma gama de classificações e identidades interiores à essa dicotomia, como *bicha*, *babalu*, *gileté*, *bofe*, *enrustido*, *menina*, *macho* e *boneca*. Nesse sentido, as comunidades homossexuais da década de 1950 já eram marcadas por uma disputa agonística de identidades, sendo atravessada por classe social, raça e pela discrição enquanto critério de distinção e *status*, muitas vezes, tido como um ideal a ser alcançado.

Entende-se por discrição, uma espécie de paradigma que atravessou a produção das identidades homossexuais que as escamoteavam para os espaços privados, evitando e subalternizando ao longo do século XX aqueles que *davam pinta* em público. Dessa forma, a discrição perpassa os dois modelos de homossexualidade apontados pelos estudos antropológicos. No modelo hierárquico (Fry, 1982), descrito por Barbosa, a discrição emerge subalternizando aqueles que performavam traços afeminados, a “bicha”, enquanto valorizava o “bofe”, discreto e masculino.

Já na década de 1960, um novo modelo começa a emergir entre as práticas homossexuais. Os trabalhos de Carmen Dora Guimarães (2004) e de Peter Fry (1982) identificam a emergência de uma nova identidade, os *entendidos*, localizados principalmente na classe média urbana. Embora Green (2022) já identifique essa terminologia na década de 1940, esse termo começa a se popularizar como nova identidade, marcada pelo ser discreto, na década de 1960, estando presente no jornal *O Snob*.

Destaca-se que esse modelo emerge no contexto da ditadura militar, a qual passou a reprimir as dissidências sexuais, elegendo-as enquanto um novo inimigo interno da segurança nacional, após a derrota da esquerda armada (Quinalha, 2017; Brasil, 2014). Além disso, a ditadura militar teria interrompido o florescimento dessas práticas culturais homossexuais que vinham efervescendo desde o final da década de 1950 e impedido o surgimento de um movimento homossexual naquele momento (Green, 2022).

técnicas de poder e sujeição para a possibilidade de autoconstruir-se (Preciado, 2014), forjando identidades inconformes (Vergueiro, 2015).

Nesse modelo igualitário dos “entendidos”, a discrição opera enquanto distinção desse grupo, principalmente de classe média, em relação àqueles que seguiam a lógica bicha-bofe. Desse modo, a coexistência e a hierarquização dos modelos igualitário e hierárquico (Carrara e Simões, 2007) pode ser lida também por esse critério. No final da década de 1970 e ao longo dos 1980, a discrição parece ser mobilizada, sobretudo por aqueles engajados politicamente, com valor negativo, marcando aqueles que não assumiam publicamente sua sexualidade e não se envolviam nas práticas militantes.

É nesse contexto, então, de mudança de paradigma da sexualidade que as práticas literárias gays emergiram, se relacionando de maneira complexa com o elemento da discrição e com o estar fora do armário.

METODOLOGIA

Para investigar a emergência da literatura gay no Brasil, nossa metodologia se aproxima da genealogia de Foucault (2005), ou seja, não busca localizar origens ou começos propriamente ditos, mas sim reativar, mobilizar saberes desqualificados e ocultados na história, formando uma aliança com esses sujeitos asteriscados e sujeitados pela historiografia literária. Ao partir da compreensão de que os saberes, os discursos e as representações estão em disputa agonística, buscamos ler outramente o arquivo, o qual, segundo Foucault, é o

[...] conjunto de discursos efetivamente pronunciados; e esse conjunto é considerado não somente como um conjunto de acontecimentos que teriam ocorrido uma vez por todas e que permaneceriam em suspenso, nos limbos ou no purgatório da história, mas também como um conjunto que continua a funcionar, a se transformar através da história, possibilitando o surgimento de outros discursos. (Foucault, 2000, p. 145).

As obras literárias de cunho erótico e temática homossexual, soterradas pela repressão ditatorial e pela historiografia científica, podem vir à tona elucidando pontos de resistência, além da produção discursiva e identitária desses sujeitos, e da própria sexualidade (Foucault, 2021). Dessa forma, a análise não se centra nos textos literários em si, enquanto sua descrição e identificação de rupturas e descontinuidades históricas (Foucault, 2008), mas, busca-se alinhá-los às práticas de seu tempo, de maneira que a pesquisa tenta compreender a dinâmica do domínio discursivo dessa literatura junto dos domínios práticos: as práticas literárias enquanto resistência às políticas do sexo da ditadura militar, bem como as relações de poder no interior das próprias comunidades gays.

Nesse sentido, desenha-se a possibilidade de realizar uma etnografia de inspiração genealógica, cujo campo seja o próprio arquivo. Nesse caso, o arquivo é compreendido não somente enquanto instituição, mas justamente enquanto um conjunto de discursos produtivos, sejam eles jornalísticos, científicos ou literários. Para essa pesquisa, elegeu-se o trabalho de campo no Arquivo Edgar Leuenroth, especificamente os acervos do Grupo Somos, de João Antônio Mascarenhas e de Peter Fry, e o Acervo Darcy Penteado na Fundação Enrico Dell'Acqua. Junto a isso, concebe-se como arquivo, para além dos textos literários, a possibilidade de imersões em jornais da época, como a *Folha de São Paulo*, a *Revista Veja* e o jornal *Lampião de Esquina*, que, digitalizados, facilitam a procura de pistas para a construção da pesquisa.

A especificidade da etnografia no arquivo enquanto instituição consiste não somente em desnaturalizar e questionar as condições de criação do próprio campo, ou seja, refletir sobre quem e como foi criado o arquivo, mas também em desnaturalizar o pressuposto do “informante”, na medida em que esse precisa ser construído teoricamente a partir das fontes arquivísticas, uma vez que são “[...] personagens que, tematizadas na documentação, atuam de formas analiticamente relevantes no campo imaginário que o pesquisador constrói a partir da interlocução com as fontes.” (Frehse, 2005, p. 136).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A década de 1970 foi marcada por um clima de contracultura, popularizado sobretudo entre a juventude de classe média, desafiando os valores hegemônicos e desestabilizando códigos de gênero e sexualidade (Green, 2022). Nesse contexto nasceram movimentos artísticos como o Teatro Oficina, o tropicalismo, e figuras como Caetano Veloso, Ney Matogrosso e os Dzi Croquettes, que contribuíram profundamente para o estabelecimento dessa nova configuração cultural, corroborando para a organização política mais sólida no final da década e começo dos 80, como a fundação do jornal *Lampião de Esquina*, o Grupo Somos, o jornal *ChanaComChana* e o Grupo de Ação Lésbica Feminista.

Nesse contexto, surgiram as primeiras publicações associadas à chamada literatura gay. Inicialmente, em 1967, foi publicado o *Histórias do amor maldito*, organizado por Gasparino Damata, e em 1969, o *Poemas do amor maldito*, organizado por Damata e Walmir Ayala. Ambos antologias de textos com teor homoerótico, fossem contemporâneos ou não. Entretanto, é na década de 1970 que a presença desses textos se torna mais presente na economia discursiva: Gasparino Damata, com *Os solteirões* (1975); Aguinaldo Silva, com *Primeira carta aos andróginos* (1975); Darcy Penteado com *A Meta* (1976) e com *Crescilda e*

os Espartanos (1977); João Silvério Trevisan, com *O Testamento de Jônatas deixado a David* (1976); Paulo Augusto com *Falo* (1976); e Caio Fernando Abreu, com *O ovo apunhalado* (1975) e *Pedras de Calcutá* (1977).

Esses textos tensionaram a dicotomia público e privado, estabelecida pelas políticas do sexo (Rubin, 2017), na medida em que contestavam os esforços das políticas de censura – como a Lei de Imprensa (Lei n. 5.250/1967), e o Decreto-Lei n. 1.077/1970 – em “dessexualizar” o espaço público (Quinalha, 2014) e expurgar as expressões que atentavam à “moral e aos bons costumes”. Desse modo, ao trazer à tona aquelas sexualidades dissidentes, consideradas “maus” ou exteriores à hierarquia sexual (Rubin, 2017), esses textos se inserem no interior dessas disputas a partir do paradigma do *estar fora do armário*. Ou seja, o clima contracultural e as movimentações homossexuais (Facchini, 2005) criaram condições para que a relação de forças das políticas sexuais abrissem rachaduras permitindo que as vivências escamoteadas para o privado fossem enunciadas em público.

Nesse sentido, cabe ainda refletir sobre o papel da literatura gay na gestação de práticas culturais que resultaram posteriormente nos movimentos de liberação sexual. Ao contrário do contexto americano, no qual a literatura gay é entendida como resultado da revolta de Stonewall e consequentemente de uma articulação política das práticas e comunidades gays (Barcellos, 2006), talvez no contexto brasileiro, a literatura gay tenha tido um papel inverso, na medida em que nasceu junto à essa mudança paradigmática e pode ter corroborado para a articulação político posterior a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto, então, buscou desenhar a possibilidade de a chamada literatura gay, produzida na década de 1970, ter emergido em meio a uma mudança paradigmática nas configurações de identidades homossexuais, deslocando-se do paradigma da discrição para o de estar fora do armário, de maneira que a própria literatura gay é resultado do tensionamento entre público e privado.

Essa cisão foi reforçada pelas políticas do sexo da ditadura militar, perseguindo e censurando a publicização de textos explicitamente homoeróticos. Desse modo, as transformações culturais ao longo da década corroboraram para a possibilidade de inversão das relações de força, fazendo emergir esses discursos na esfera pública. Além disso, reflete-se sobre a possibilidade de a literatura gay ter sido um importante elemento na gestação dos movimentos políticos de liberação sexual no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório da Comissão Nacional da Verdade: textos temáticos**. Vol. 2. Brasília: CNV, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CARRARA, Sérgio. SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p. 65-99, 2007.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas no anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel Michel Foucault explica seu último livro: entrevista a Brochier, J.-J. In: MOTTA, Manoel da (Org.). **Ditos e escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense, p. 119-126, 2000.

FREHSE, Fraya. Os informantes que jornais e fotografias revelam para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 36. jul-dez. 2005, p. 131-156.

FRY, Peter. **Para inglês ver**. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2022.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005. p. 291-308.

PERLONGHER, Néstor. Territórios marginais. In: GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005. p. 263-290.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 edições, 2014,

QUINALHA, Renan Honorio. **Contra a moral e os bons costumes**: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SILVA, José Fábio. O homossexualismo em São Paulo: um estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005. p. 41-212.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015, 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015.